

Valdetário Carneiro: mártir e comediante

Márcio de Lima Dantas – UFRN

RESUMO

Como ator do grande teatro do mundo, o bandido Valdetário Carneiro funcionou como uma espécie de necessidade para que o microcosmo nordestino permanecesse completo, pronto para acionar seus obrigatórios e eternos mecanismos sob os carrilhões do tempo. Longe de se vincular a qualquer projeto político ou ideológico justificador das suas ações, parece muito mais deter no seu *entourage* um espectro de índices configuradores de um produto imaginal transmitindo-se nas intrincadas malhas da vida em sociedade (sem que ninguém perceba), no qual se encontram os alicerces de signos fundantes de uma ressonância arquetípica. Em síntese, plasma-se como um evento difícil de ser enquadrado em explicações geopolíticas.

Palavras-chave: Imaginário. Banditismo. Nordeste.

ABSTRACT

As an actor of the great theater of the world, the bandit Valdetário Carneiro worked as a kind of necessity so that the northeastern microcosm remained complete ready to activate its obligatory and eternal mechanisms over the carillons of time. Far from tiding up to any political or ideological project to justify his actions, he seems to detain much more in his entourage a specter of configurational rates of an illusory product being transmitted in the intricate mesh of life in society (without being noticed by anybody), in which the foundations of established signs of an archetypical resonance are found. In summary, it molds as an event difficult to be fit in geopolitical explanations.

Key words: Imaginary. Banditism. Northeast.

“Por que não tomar a morte voluntariamente, como um ato de afirmação, de livre arbítrio? Por que não tomá-la com resolução e coragem pelas próprias mãos, em vez de deixar-me reduzir a mero joguete das circunstâncias? Afinal será só antecipação do que um dia inevitavelmente terá de ser [...]”

Elisa Lispector

Ao nos defrontar com a ficha policial do Sr. José Valdetário Benevides Carneiro, encontramos dados de uma história de vida capaz de despertar o pasmo e a indignação daquela grande maioria caracterizada num poema, do livro *Mensagem*, do poeta Fernando Pessoa (1986, p.18): “Triste de quem vive em casa, Contento com o seu lar”.

Fugitivo da Penitenciária de Alcaçuz, em 2000 sitiou e assaltou simultaneamente três agências bancárias da cidade de Macau no ano de 2002 e encabeça uma grande quadrilha de transgressores da ordem. Enfim, é o quarto homem mais procurado pelo aparelho policial do Rio Grande do Norte: “armado e extremamente perigoso”. Para além das descrições policiais, do entusiasmo com que a mídia aborda o tema, ou mesmo das polêmicas gozosas nas conversas em rodas masculinas, quando sucede alguma peripécia nova no *epos* da personagem, creio haver outros elementos integrantes do fenômeno do banditismo e da pistolagem em todo o Nordeste. Pontos que, ao que me parece, podem contribuir para aclarar a estranha e contraditória gramática regedora da vida social, posto que, num mesmo fenômeno, complexas conotações ressonam feixes de diversos domínios, entrecruzados, nos quais o comportamento humano, de um tudo, afora o que ainda sobra, bóia à deriva. Foucault (1978, p. 177) sabia muito bem disso quando escreveu acerca da “pro-

fusão de acontecimentos entremeados”, referindo-se aos indigitados fatos sociais.

Como ator do grande teatro do mundo, o homem de Caraúbas funciona como uma espécie de necessidade para que o microcosmo nordestino permaneça completo, pronto para acionar seus obrigatórios e eternos mecanismos sob os carrilhões do tempo. Longe de se vincular a qualquer projeto político ou ideológico justificador das suas ações, parece muito mais deter no seu *entourage* um espectro de índices configuradores de um produto imaginal transmitindo-se nas intrincadas malhas da vida em sociedade (sem que ninguém perceba), no qual se encontram os alicerces de signos fundantes de uma ressonância arquetípica. Em síntese, plasma-se como um evento difícil de ser enquadrado em explicações geopolíticas.

Pois muito bem. Não é de admirar a indomável força desse sujeito ao se confrontar com o instituído, do aparelho policial à justiça, haja vista ter optado por não permitir que a fuligem dos dias se acumulasse sobre a indumentária imposta pela Ordem, desde sempre, a todos os homens. Distante da rotina, lugar onde deságuam os intermináveis dias e seus repetitivos trabalhos, preferiu a vida de aventuras e intensidades, mesmo que as pagas e purgas outorguem o tributo inexorável nos papéis expedidos pelo destino, ou seja, o encurtamento da existência. Pelo visto, esse neobárbaro, antípoda à tradição burguesa, fundeada numa vida plácida (se possível, às custas do dinheiro alheio ou público, fato tão tradicional entre nós), determinou-se sempre a bancar o preço dos que não repetem o refrão dos atores sociais encenando os mesmos *takes* sem se dar conta do inosso e do insalubre que é ser como um no interior do todo. Anônimo ser sob o sol bocejante de dias intermináveis, aguardando o holerite do final do mês. Bem, foi o que ele escolheu, que mais se pode acrescentar? E, francamente, numa sociedade como a nossa, na qual predomina uma ética safada e ambígua – vale aqui, não vale acolá – podemos condenar uma escolha de como se orientar na vida, mesmo

transgressora das tantas instituições que prometem o ilusório equilíbrio e segurança da/para a maioria?

Embora Valdetário encarne toda uma constelação de signos integrantes da História do semi-árido: coronelismo, capangas, jagunços, cangaço, embora permaneça difusa no Nordeste – todo mundo sabe – a crença na legitimidade dos crimes que são perpetrados em nome da honra e da vingança, sobretudo quando dizem respeito ao acerto de contas entre famílias rivais, malgrado todos esses discursos, prefiro adentrar em algum aceiro do Imaginário para acreditar numa espécie de homem dissonante dos demais, quer dizer, aquele que precocemente intuiu a lógica da avareza dos deuses, atendendo aos desejos humanos com parcimônia, muitas vezes com ironia e acanalhando os mortais com suas sincronias irônicas, vicissitudes e encruzilhadas, conduzindo-os sempre à profissão humana por excelência: o sabido de todos: buscador de lenitivos para as feridas e cultivador de ervas amargas no corpo, mormente no timbre da voz. Foi aí que entrou seu temperamento: uma enorme disposição interior para se confrontar com tudo o que se ergue contra suas vontades, somando-se um enorme desdém para com a morte e a certeza desta.

Ao participar do ousado assalto ao Banco do Brasil em Macau, cidade onde a entrada é a saída, lance de coragem no qual, dizem, teria matado o delegado da cidade, demonstrou não apenas até aonde vai seu destemor, mas insculpiu seu nome na história da *polis*. Poderia, se o quisesse, ter poupado a autoridade. Se assim fora, deixaria de assinar no inventário da sua vida mais um rutilante signo harmonizador da sua trajetória de artilheiro e de homem que pouco liga para a quantidade de mortes levadas a efeito por si e por sua *caterva*. Ora, o que se encontra em jogo, quando se trata de coisas relacionadas ao imaginário, é a qualidade e o rito. A repetição e seus derredores servem apenas para referendar as vigorosas pontas do teimoso *iceberg* ancorado no pensamento mais profundo do inconsciente coletivo. Plena de índices foi a maneira como se ataviou para o evento: circulou uma conversa que teria usado um

chapéu de cangaceiro, obrigando-nos a chafurdar no imaginário do Nordeste e na sua história impregnada de episódios referentes ao cangaço. Difícil não deixar de evocar as invasões não anunciadas de cangaceiros às cidades nas primeiras décadas do século XX. Nesse sentido, Valdetário é herdeiro direto do rastro deixado na História pelos cabras dos bandos de errantes, que ferraram no imaginário do Nordeste todo um enxame de imagens oriundas das bodas entre a *métis* (capacidade de se desviar do perigo) e os *tropoi* (engenho, artifício, esperteza). Inusitado conluio capaz de produzir uma intrigante destreza dos sentidos alicerçada numa opulenta intuição. Gerador de crias capazes de intemperizar os flancos fortificados dos cárceres da ordem burguesa, Virgulino Ferreira, o inolvidável Lampião, árbitro de si mesmo, desdenhador da morte, detentor de uma notável plasticidade intelectual, é o melhor exemplo do que estou falando.

Os antigos costumavam dizer que os deuses são complacentes com os ousados. Valdetário parece bafejado por essa crença. Tem a certeza de quem atira para acertar. Quando fotografado, sua fotogenia expressa um rosto de traços perfeitamente delineados, principalmente num olhar em ponto de bala, cabeça erguida, desafiadora, igual a como os cangaceiros miravam a objetiva. De compleição viril, não deixa dúvida sobre suas capacidades somáticas e intelectuais, já que o corpo, como todo mundo sabe, mente menos que a mente. Seu corpo não suplica aos deuses proteção. Afirma-se como um estar-num-mundo, sem pedir desculpas a quem quer que seja. O rosto de ângulos retos imprime a volúpia da pergunta, olho no olho:

– E aí, o que você quer mesmo?

Homem de peito, pleno de cismas, não hesita diante do outro. Deixa-se retratar com naturalidade, entrevendo uma alma que não deixa margem a ambivalências: parece até que tudo foi riscado em ponta de diamante, com a precisão de quem tem a exata consciência do que é ou do que representa para o coletivo. Ainda digo mais: sabe ele da precariedade das coisas, que tudo mana de circunstân-

cias, de confluências; sabe do vacilo dos seres débeis e frouxos, cobertos de limo estampado no rosto, e que o *kairos* pode conduzir uma álaçre alforria dos fantasmas, algemas postas em todos logo ao nascer. Contra-argumentem: liberdade provisória. E daí? Todos não são prisioneiros das normas, dos costumes e da tirania odiosa de si mesmos? Por acaso, viver tem alguma justificativa plausível? Somos destinados a algo de especial? A cada dia que passa, é visível o distanciamento entre o Deus cristão e suas criaturas. Palpita em todo ser, com mais intensidade ou menos, as mesmas invariantes: poder, dinheiro, maledicência, busca do amor, reconhecimento social, acerto de contas com os desafetos, confortar-se com a desgraça de pessoas da família. Deus é um enigma: quase ninguém aposta verdadeiramente Nele. A fé fana-se na fragilidade da qual se reveste, quando há uma oportunidade que vá ao encontro de alguma espécie de conveniência. Das mais íntimas às materiais. O que todos gostam mesmo é de viver bem. Do melhor e do bom. Negar, quem há-de?

E desde quando devemos favores a Deus, se nem pedir pedimos para sermos enviados, nus, qual cães sem choro, ao mundo, obrigados que somos a abrir uma picada na selva selvagem habitada pelos nossos (des)semelhantes?

O homem Valdetário não quis ser aço de Deus coisa nenhuma. Assumiu o papel de anjo decaído, de “exilado da luz” (LIMA, 1974, p. 197), que, ao se precipitar sobre as rochas graníticas da vida, quando do baque, abriu fendas, proporcionando à posteridade uma observação do quanto uma época possui elementos tão infinitamente contraditórios. Para ser espelho divino, se fazia necessário sacrificar a aventura pulsátil contida em agrestes veias sertanejas, vindo a ser um homem comum, enfunando-se com o ventre bojudo das cervejas dos finais-de-semana, da hedionda graxa da carne, limpando a boca na toalha da mesa, fazendo vergonhas à família. Homens domésticos, casados com subservientes mulheres, vividos em dias de superfície lisa, arrastando-se no calendário festivo das comemorações cívicas e sagra-

das. A coisa mais odiosa, amaldiçoada e que desperta asco nos deuses comuns.

O comportamento do moço advindo das terras quentes do oeste circunscreve um conjunto de idéias assemelhadas àquelas participantes dos entornos semânticos dos mártires, mormente no que diz respeito ao de ser um assinalado pelas forças remotas e das hibernadas potencialidades psíquicas da Vida, senhora soberana capaz de sacrificar alguns em nome da harmonia da furiosa espiral tediosa caminhando para lugar nenhum. Interessante é que já arrastou no seu sobrenome toda uma simbólica que vai ao encontro da sua trajetória e da sua maneira de ser. Num lance de liberdade poética, detenho-me sobre o antropônimo da família Carneiro. Não precisa ir muito longe para constatar que quase todas as culturas relacionaram a figura do “Carneiro” a tudo o que é potente, instintivo, ardente e macho. De outra parte, é também a máquina que permite sejam derrubadas as portas e os muros das cidades sitiadas e, portanto, que se abra a carapaça das coletividades (CHEVALIER, 1993, p. 189-190).

Ampliando os círculos concêntricos das imagens simbólicas do Carneiro, não podemos deixar de evocar uma sinonímia com o Cordeiro de Deus, animal a ser imolado para a expiação da culpa de todo o resto. É necessário o aparecimento periódico ou permanente de uns que sejam diferentes, para que a turba e a ordem ponham o dedo em riste e encontre um cordeiro para imolar, descarregando as consciências pesadas, fazendo crer que exista um padrão de normalidade no qual se encontram inscritos. Só não atentam para uma coisa: o sangue do cordeiro contém a simbólica da fecundidade, regenerando a ausência de virilidade das forças da Vida. Muitos, ao longo da História, pagaram o preço de uma relativa liberdade de que dispomos hoje.

Mas não precisa rodear muito, não para inserir esse homem de rosto duro e franco numa tradição de personagens com rara combinação de atributos e que, para não se vergarem diante da morte e do carcomer lento do tempo, optaram por existir com mais intensidade, mesmo que isso os tenha conduzi-

do a um processo de autodestruição, mesmo que os oráculos vaticinem sofregos o esraçalhar dos cristais nascidos naturalmente lapidados, cuja luz meteórica desconcerta e faz tremer as arquitraves dos que vivem sem queixumes a vida tediosa de todos os dias. A lista dos atores e dos mártires é longa. Além dos milhares de anônimos: Janis Joplin, Jim Morrison, James Dean, Newton Navarro, Jesiel Figueiredo, Elis Regina, Cazuza, Cássia Eller e, sem sombra de dúvida, Vera Fischer e Michel Jackson, daqui a alguns anos. Seres não intimidados com o inelutável da morte e determinados a jogar pesado com a Vida, mesmo que o cotidiano siga mudamente alinhavando nos soturnos túneis do imaginário um tempo mais abreviado de anos.

A verdade é que, no fundo, alguns muitos sentem inveja dos que deliberam zombar da vida ordinária, dos que, como madeira de lei, não se vergam diante da sempre presente ameaça da morte, da insegurança que sempre grassou na comarca humana, e aí inconscientemente vão atrás de usanças que os conduzam às brenhas taciturnas habitadas pelas gentes que foram conduzidas (pela Vida? por uma certa livre escolha? por uma potência aquietada?) a tangenciar o fantasioso círculo de giz que circunscreve o espaço dos acomodados, dos covardes, dos ambíguos, dos maria-vai-com-as-outras. Pronto: assim mais ou menos quase todo mundo. Aqueles determinados não negociam com a vida, pois escolheram a “morte-desafio, afirmação, morte-violenta-escolha” (LISPECTOR, 1978, p.119), irmã de outra escritora chamada Clarice Lispector. Longe deles a atitude voluntarista de alterar a estrutura do mundo. Aquiescem, porém adentram de cabeça erguida por rotas outras, imprimindo seu número numa cor inusual, reverberando os tons encontrados na vida dos poetas, dos mártires e dos loucos lúcidos, como, por exemplo, o escritor norte-rio-grandense Walflan de Queiroz. De outra parte, a gente pode até especular se Valdetário, com seus pujantes revérberos simbólicos, não é o timbre lacrador das duas extremidades de um círculo que completa seu tempo numa área cultural, o Nordeste. Quero dizer

com isso que ele saudosamente encerra um tempo no qual se acreditava haver um sujeito unitário e autônomo capaz de deter nas mãos o chicote e o sabre, instrumentos para adentrar na selva selvagem e, de fora a fora, pavimentar sua própria rodagem. Ei, Ei, tudo ilusão; estamos mesmo é numa exígua clareira, olhando para o indiferente azul da abóbada celeste. E o pior: sozinhos. O saudosismo persiste em famílias sertanejas com forte tradição patriarcal. Inconformadas por perderem um mando ou posições impostas pelo medo, debatem-se inutilmente contra as mudanças outorgadas por “*Cronos*”; esquecem que tudo é impermanente, que o tempo não pára.

Quem sabe o despótico fatalismo que sempre grassou em tépidas quentes do sertão possa justificar um pouco o comportamento de um ser tão destituído de medo face aos homens e seus mecanismos de reprodução do *status quo*. Contudo o sol caminha para o zênite. Não poderia deixar de ser. Sempre o foi. Anonimamente, a vida tece com pressa a mortalha dos heróis, dos gênios e dos santos, através do fio das Parcas. Caraúbas permanecerá em sua inalterável inércia, quedada nos confins do alto oeste, enlutada pelo vento seco e morno de suas tardes claras. A fera e a fúria das suas forças telúricas arrefecerão as belas imagens dos negativos de filmes necessitados pela ardente e impiedosa Vida, consumindo-se em si mesma, alimentado-se do sangue e do suor dos assinalados, caminhando a esmo.

REFERÊNCIAS

CHEVALIER, Jean. *Dicionário de símbolos*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1993.

FOUCAULT, Michel. *História da loucura*. Trad. José T. Coelho Netto. São Paulo: Perspectiva, 1978.

LIMA, Jorge de. *Poesias completas (vol. III)*. Rio de Janeiro: José Aguilar Editora, 1974.

LISPECTOR, Elisa. *O dia mais longo de Thereza*. 2. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1978.

PESSOA, Fernando. *Obra poética*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1986.